



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JERISVALDO FURTUNATO CONCEIÇÃO

DO NAVIO NEGREIRO AO CAMBURÃO

ARAGUAÍNA / TO

2019

JERISVALDO FURTUNATO CONCEIÇÃO

DO NAVIO NEGREIRO AO CAMBURÃO

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína para obtenção do título de Licenciatura no Curso de Letras Habilitação em Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo.

Orientador: Prof.º Dr. Márcio Araújo de Melo

ARAGUAÍNA – TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F992d Furtunato Conceição, Jerisvaldo.
Do camburão ao navio negreiro. / Jerisvaldo Furtunato
Conceição. – Araguaína, TO, 2019.
33 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,
2019.

Orientador: Dr. Márcio Araujo de Melo

1. Práticas de Leitura. 2. Multiletramentos. 3. Oficina de leitura. 4.
Racismo. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JERISVALDO FURTUNATO CONCEIÇÃO

DO NAVIO NEGREIRO AO CAMBURÃO

Monografia avaliada e apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura no Curso de Letras Habilitação em Língua Portuguesa e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca examinadora.

Araguaína-TO, 20 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Araujo de Melo

Prof. Dr. João de Deus Leite

Prof. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva

Quero dedicar este trabalho a minha família. Maria Aparecida Furtunato (mãe), Janival da Costa Conceição (pai), Ana Paula Furtunato Conceição (irmã) e Jerisvan Furtunato Conceição(irmão). Dedicar também a minha namorada Melyssa Brito Dos Santos. Amo todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, pois me concedeu forças para chegar ao final desse trabalho.

Quero agradecer ao meu orientador Dr. Márcio Araújo de Melo por ter me guiado na pesquisa deste trabalho, não só isso, mas também oferecido suporte psicológico para que eu pudesse lidar com as pressões que se fizeram presentes neste percurso.

Quero agradecer a toda a minha família, sem eles não seria possível a confecção deste trabalho, pois me deram todo o suporte necessário, psicológico, sentimental e financeiro, em especial minha mãe Maria Aparecida Furtunato e meu pai Janival da Costa Conceição.

Quero agradecer a todos os meus professores, que contribuíram no decorrer do curso para a minha formação, e agregaram valores e conhecimentos importantes para que eu pudesse escrever esta monografia.

Quero agradecer a alguns amigos importantes que me ajudaram neste percurso, a saber, Natanael Laurindo da Costa, Márcia Siqueira, Brendon Husley Rimualdo, Dilvany Rodrigues e demais colegas de turma, pelo apoio e companheirismo.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo apresentar e discutir uma oficina de leitura em quatro aulas em uma turma do ensino médio. O trabalho levou em consideração a importância da formação leitora dos alunos. Nestas aulas trabalhamos dois textos, “Navio Negreiro” de Castro Alves e “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” de Alexandre Menezes Falcão, Marcelo Lobato, Marcelo Yuka e Nelson Meirelles, produzida por *O Rappa* e Fábio Henriques. Para apresentarmos os textos dirigimos à turma duas perguntas discursivas e discutimos os resultados da oficina de leitura a partir das respostas que foram dadas pelos alunos e de como eles receberam os textos. Como resultado deste trabalho pudemos concluir que houve validade deste trabalho para o multiletramento dos alunos.

Palavras-chave: Formação leitora, oficina de leitura, multiletramento

ABSTRACT

This monograph aims to present and discuss a four-class reading workshop in a high school class. The work took into consideration the importance of reading education of students. In these classes I work two texts, "Negio Ship" by Castro Alves and "Every Camburão has a little slave ship" by Alexandre Menezes Falcão, Marcelo Lobato, Marcelo Yuka and Nelson Meirelles, produced by O Rappa and Fábio Henriques. In order to present the texts we address two discursive questions to the class and discuss the results of the reading workshop from the answers given by the students and how they received the texts. As a result of this work we could conclude that this work was valid for the students' multiliteration.

Keywords: Reader training, reading workshop, multiliteration

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
2 A LEITURA – O TEXTO COMO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DO LEITOR	11
2.1 Mediação de leitura – o processo de formação do leitor.....	16
CAPÍTULO II	18
3 O TEXTO EM FOCO – A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DO TEXTO TRABALHADO	18
3.1 A escolha do gênero canção.....	19
3.2 Do navio negreiro ao camburão.....	21
CAPÍTULO III	25
4 ANÁLISE – COMO OS ALUNOS RECEBERAM OS TEXTOS	25
4.1 A oficina de leitura	25
4.2 As leituras dos alunos	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma habilidade humana essencial para que uma pessoa consiga exercer seus papéis sociais. Tendo em vista a importância dessa habilidade, a escola, que é a instituição formal responsável por capacitar crianças, adolescentes, jovens e adultos para a vida em sociedade, tem como uma premissa direcionar seus alunos a se formarem leitores letrados.

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão da prática de leitura em sala de aula. Estando esta prática atrelada a uma ideia de multiletramentos. De acordo com Oliveira e Szundy (2014) as práticas de multiletramentos consistem em uma prática multimodal, que leva em consideração não somente as diferentes formas de linguagem presentes no mundo contemporâneo, mas também a diversidade cultural.

Para pensar a respeito de leitura e letramentos em sala de aula, trabalhamos uma sequência didática com dois textos, fazendo, em seguida, uma oficina de leitura. O primeiro texto que escolhemos para trabalhar foi do gênero canção, “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, de Alexandre Menezes Falcão, Marcelo Lobato, Marcelo Yuka e Nelson Meirelles, produzida por *O Rappa* e Fábio Henriques. Fizemos esta escolha levando em conta as questões referentes aos multiletramentos citados no parágrafo anterior, pois o gênero canção ganha maior relevância com o avanço das tecnologias modernas, que facilitam o acesso, por exemplo, de arquivos em extensão “mp3”. Também esse gênero textual traz em si uma diversidade de linguagens, de semânticas e também uma grande variedade cultural.

O segundo texto que escolhemos foi do gênero lírico, “Navio Negreiro” de Castro Alves. A escolha deste poema se deu por duas razões. A primeira delas é que a canção de *O Rappa* faz uma clara intertextualidade com o poema de Castro Alves, explícita já pelo título. Essa referência desde o título pode auxiliar uma compreensão e um conhecimento do aluno não só para a poesia de Castro Alves, como para a canção da banda. A segunda razão é a relevância que este texto, com um poema valorizado dentro do cânone nacional, tem dentro da escola. Sendo uma literatura julgada por seus valores estéticos e temáticos, ela se perpetua ao decorrer da história da literatura brasileira, sendo mencionada em outros textos e em diversas manifestações artísticas.

A oficina de leitura com os dois textos ocorreu em quatro aulas de cinquenta minutos. A turma escolhida foi uma turma de segundo ano do ensino médio. Esta escolha foi feita de acordo com o nível de criticidade que, espera-se que alunos nesse nível escolar tenham desenvolvido.

Dentro dessas quatro aulas da oficina de leitura apresentamos os dois textos fazendo a leitura e distribuindo cópias do texto em folhas A4 aos alunos. No caso da canção também reproduzimos em um som o áudio. Após a apresentação dos textos fizemos perguntas oralmente, a fim de compreender as leituras que os alunos estavam fazendo dos textos.

CAPÍTULO I

2 A LEITURA – O TEXTO COMO MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DO LEITOR

A leitura não consiste somente no processo de decodificação de signos de uma determinada língua, ela se dá como um processo constitutivo que engloba muitas concepções. Jouve (2002) destaca cinco processos os quais são constituintes o ato de ler. O primeiro processo, que Jouve destaca, é o *neurofisiológico*.

A leitura é antes de tudo um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano. Com efeito, nenhuma leitura é possível sem um funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro. Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos. (JOUVE, 2002, p. 17)

No caso da língua portuguesa, e da língua brasileira de sinais (LIBRAS), por exemplo, precisamos da nossa visão para identificar os signos que correspondem a essas línguas, assim como utilizamos funções pontuais do nosso cérebro.

O segundo processo é o neurofisiológico. A inteligibilidade dos signos aprendidos pelo processo neurofisiológico necessita de um esforço cognitivo. Para entender o que está lendo o leitor precisa se concentrar no encadeamento dos acontecimentos narrados em determinada trama. É um processo de abstração que pressupõe um esforço cognitivo. Este é o segundo processo destacado por Jouve, o processo cognitivo.

A afetividade é o terceiro processo destacado por Jouve. A leitura é então, além de um processo neurofisiológico e cognitivo, um processo afetivo, no qual o texto cria laços com o seu leitor. Isto ocorre porque a leitura pode suscitar no leitor diferentes reações, seja por um sentimento de raiva, compaixão, alegria ou admiração. Cada personagem pode representar algo tocante ao leitor, que o faz criar laços com a personagem.

O papel das emoções no ato de leitura é fácil de se entender: prender-se a uma personagem é interessar-se pelo que lhe acontece, isto é, pela narrativa que a coloca em cena. Se uma ligação afetiva nos liga a Lucien de Rubempré é porque, no decorrer da leitura de *As ilusões perdidas*, interessamo-nos pelas razões – psicológicas e sociais – que causaram sua destruição. (JOUVE, 2002, p. 20)

Tentar compreender as razões que levam uma personagem a fazer determinada coisa é um processo que une o universo da narrativa com o do leitor, constituindo um processo de leitura como instância afetiva.

Além da afetividade, a leitura é um processo argumentativo, este é o quarto processo que Jouve destaca. O texto se constitui como uma construção sócio-histórica e ideológica, na qual o autor deixa transparecer e tenta influenciar o leitor através do seu discurso. Todo texto traz em si uma ideia que pode ser modificada a partir do lugar onde se encontra o leitor, dentro dessa construção textual por processo sócio-histórico e ideológico. Por meio da leitura, o leitor pode modificar o texto, tomando caminhos diferentes daqueles que o texto propunha. Não estamos falando nesse caso de uma leitura qualquer, mas de uma leitura possível que ocorre dentro de um processo de (re)construção do texto. Entretanto isso não significa que o texto não ocupe um lugar de enunciação e que não tenha pretensões enunciativo-argumentativas. Este é o quarto processo destacado por Jouve, o processo argumentativo.

O quinto processo no ato de ler que Jouve destaca é o processo simbólico. Dizer que a leitura é um processo simbólico significa dizer que não se lê a partir do nada, cada indivíduo traz consigo uma bagagem, sendo constituído sociologicamente, psicologicamente, culturalmente de maneiras diferentes. Sendo assim, um mesmo texto pode ser lido de modos levando em consideração uma determinada época, ou determinado grupo social. Também considerando que o texto ao ser escrito fazia parte de um contexto histórico específico, esse mesmo texto pode ser ressignificado em leituras feitas posteriormente à data de sua confecção.

Compreendendo a complexidade que envolve o ato de ler, não buscamos por meio deste trabalho engessar um tipo idealizado de leitura ou de leitor. Considerando as diferentes formas de linguagem que circundam a sociedade, queremos por intermédio deste trabalho propiciar uma ideia de ensino que compreenda diferentes tipos de texto. Levando não só o que é literário e canônico, mas propondo também leituras que embora não tenham o prestígio da crítica façam sentido para a vida das pessoas que estão em contato com esses textos.

Pensemos não somente nas exigências da vida contemporânea, que impõem letramentos específicos: da leitura de itinerários de ônibus ou da sinalética urbana até as receitas médicas e bulas de remédios. Os jornais diários, para acompanhamento das notícias de perto e de longe. A caixa postal do *e-mail*, trazendo e levando textos ao grupo de amigos. O Google, buscando informações de interesse imediato. A lista de supermercado e os

folhetos com as promoções do dia. As revistas semanais especializadas, trazendo as novidades sobre saúde, beleza, viagens, fofocas e coisas assim. Ou, ainda da convivência contínua e despretensiosa com textos literários e com as artes em geral, para alimento da fantasia e construção de outras visões da realidade. (SILVA, 2009, p. 25)

Como pudemos ver no artigo de Ezequiel Theodoro da Silva, a interação das pessoas com a leitura é inevitável no cotidiano, e feita geralmente de maneira despretensiosa. Podemos ver então, que a leitura já compõe o repertório de crianças e adolescentes da educação básica, não só nas leituras ditas obrigatórias feitas na escola, como também na vida cotidiana em muitas situações. O objetivo da escola então, não é formar leitores somente, mas formar um tipo de leitor específico. O leitor que a escola busca formar é aquele que por intermédio da leitura consegue intervir no meio social do qual faz parte.

Dentro da escola existe uma preocupação maior, e uma cobrança maior para com os professores de língua portuguesa no tocante a questão da leitura, entretanto o fato de termos alunos que são “[...] leitores pela metade, pseudoleitores, leitores nas horas vagas, leitores mancos, leitores de cabresto [...]” (SILVA, 2009, p. 23) atinge de forma gritante as demais disciplinas, até aquelas que utilizam em menor escala a leitura como meio de ensinar. Com isto, torna-se um problema de toda comunidade escolar a qualidade da formação leitora dos alunos.

Quando se fala em leitura, tendo em vista as demandas do mundo moderno, a escola passou a se ancorar no trabalho com gêneros de texto, trabalhando não somente textos unanimemente entendidos como literários, mas trazendo ao conhecimento dos alunos textos do gênero notícia, reportagem e artigo de opinião por exemplo. E é da perspectiva da formação do leitor moderno/real que surge esse trabalho. Um leitor que tem liberdade para escolher suas leituras de acordo com as suas próprias demandas, podendo ler o literário e o não literário. Dentro desse contexto desejamos primeiro enfatizar duas questões. A primeira é o que estamos entendendo por literatura. Autores da teoria literária entendem a conceitualização do termo literatura como uma questão ampla e complexa, como Márcia Abreu em sua obra “Cultura letrada literatura e leitura”.

O conceito de *Literatura* foi naturalizado – ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural – e por isso se tornou tão eficiente. Por esse motivo, em geral, as definições são tão vagas e pouco aplicáveis. Apresenta-se a *Literatura* como algo universal, como se sempre e em todo lugar tivesse havido literatura, como se ela fosse própria ao ser humano. Um médico não precisa discutir o que é um fígado ou o que é um coração – pois eles têm existência física no mundo concreto. Nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto,

passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais. (ABREU, 2006, p. 46)

A definição para o que é literatura se torna algo complexo, pois é um processo histórico e cultural, em razão disto, pode ser modificado, ressignificado de acordo com o grupo social e a época. Sendo assim, buscamos nós adotar um conceito de literatura que esteja de acordo com o grupo social no qual nos encontramos e o nosso tempo.

A literatura se constitui em um processo criativo a partir do texto escrito, que apresenta valor estético. A literatura é uma forma de arte, e como arte, tende a imitar a vida, a sociedade e seus atores. Assim, entendemos aqui a literatura como forma de expressão humana fictícia que está atrelada a vida humana em seus diferentes aspectos, podendo a literatura falar dos sentimentos humanos, dos relacionamentos interpessoais, questões políticas, entre outras coisas.

Para quem adota esse ponto de vista, a literatura nos transforma em pessoas melhores, pois ao ler ficamos sabendo como é estar na pele de gente que leva uma vida muito diferente da nossa, passando por situações inusitadas. As obras literárias conduzem à identificação com personagens e cenas fazendo que, ao final da leitura, sejamos pessoas mais experientes, mais sensatas, mais justas. (ABREU, 2006, p. 81)

Estamos concordando com a definição da autora supracitada, visto que, vemos a Literatura não meramente como ficção, mas como construção da realidade em forma de ficção. A Literatura aparece aqui como uma forma de humanizar as pessoas, pois ao ler determinadas histórias e conhecer determinados personagens o leitor passa a compartilhar de um sentimento de alteridade.

Em ABREU (2006) vemos também uma separação entre dois tipos de literatura, a “grande literatura” e a “literatura de massa”. De acordo com a referida autora a literatura de massa vai ser criticada por estar engessada em roteiros óbvios, que visam o deslumbramento do ser humano por questões desvinculadas da realidade. Entretanto, a mesma autora faz o contraponto a esta questão, mostrando que alguns leitores de *Best Sellers* vão atribuir alto valor a essas obras, não somente estético, mas também como instrumento de humanização. Da mesma forma vai mostrar que homens cruéis no decorrer da história das nossas sociedades, como os soldados que executavam judeus nos campos de concentração alemães, tinha acesso à grande literatura, contudo essa não lhes serviu de instrumento de humanização.

Percebemos a partir dessas reflexões que essas literaturas vão ser significadas a partir de um ponto de vista histórico e ideológico, podendo o leitor ser humanizado ou não pelo texto em que está em contato. Assim vemos a escola como instrumento importante para mediar o contato entre aluno e texto, conhecendo a realidade dos seus alunos e assim oferecendo textos significativos para sua realidade.

A segunda questão que queremos destacar nesse trabalho é a ideia de letramento da qual partiremos. A palavra letramento é um termo recente que vem sendo incorporado nas escolas e nas universidades o Brasil. O termo tem relação com alfabetização, entretanto vai um pouco além do processo de alfabetização. O processo de letramento consiste em uma interação contínua com a leitura e a escrita, aperfeiçoando essas habilidades para usá-las nas diversas situações do cotidiano, como ler livros, revistas, jornais, escrever bilhetes ou preencher formulários.

É esse, pois, o sentido que tem **letramento**, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: **letra-**, do latim *litera*, e o sufixo **-mento**, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em *ferimento*, resultado da ação de *ferir*). **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2009, p. 18)

O letramento consiste no domínio do indivíduo sobre a letra, ou seja, o indivíduo que tem na leitura e na escrita instrumentos hábeis para o seu uso. O sujeito letrado não é simplesmente o que sabe ler e escrever, o conceito de letramento leva em conta o sujeito que lê e escreve de forma competente, fazendo uso em diferentes contextos sociais. Neste caso a prática de leitura e escrita não se limita às delimitações de uma sala de aula, mas ao domínio de determinadas linguagens para o seu uso em contextos sociais diversos.

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em um estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2009, p. 39)

Vemos a partir do que destaca a autora que letramento não deve se confundir com a alfabetização. A alfabetização consiste no aprendizado dos códigos de uma determinada língua, que também é parte do processo de letramento, contudo o processo de letramento vai mais além. Vemos então a missão da escola como um

processo mais amplo, pois esta não deve apenas se preocupar com a alfabetização dos seus alunos, mas também com o letramento.

Para que o letramento ocorra, a escola necessita criar meios para que o aluno faça uso de suas leituras e da escrita fora da sala de aula. Para este fim é necessário preocupar não somente com a formação do aluno como leitor, mas também é importante buscar saber se quem está a frente desse processo de formação está preparado para mediar esse processo.

2.1 Mediação de leitura – o processo de formação do leitor

Para que o letramento ocorra de fato na escola, é necessário pensar todo o processo de construção que vai tornar o aluno leitor de fato letrado. Esse letramento vai partir de um processo de mediação de leitura, para que a mediação ocorra com eficácia, é importante se pensar o mediador, no caso da formação leitora na escola, o professor de língua portuguesa.

O envolvimento do professor de língua portuguesa com a leitura é essencial para que ele consiga desenvolver o gosto pelo ato de ler com os seus alunos. Não basta apenas recorrer ao trabalho com diferentes tipos de texto em sala de aula, mesmo que os expondo com boa didática. É necessário, para o desenvolvimento pelo gosto da leitura com os seus alunos, que o professor de língua portuguesa seja também letrado, que ele conviva com as leituras que leva ao conhecimento dos seus alunos, e que essas leituras tenham significado.

O professor, enquanto leitor, tem sua formação dividida em várias etapas. Sendo ele uma pessoa com qualquer outra, é dotado de personalidade, assim, o seu contato com a leitura deve ir além da sua profissão. A formação leitora de um professor passa por diferentes etapas, infância, adolescência e vida adulta. Nessas etapas, diferentes grupos sociais podem ser responsáveis pelo envolvimento na formação leitora desse sujeito. O incentivo dos pais na infância, lendo textos para os seus filhos, o compartilhamento de leitura por grupos de amigos na adolescência pode tornar a formação leitora de um professor mais sólida. O que costuma acontecer é o professor queimar essas etapas de sua formação leitora, e durante a sua graduação perceber essas lacunas de leitura, o que pode tornar o ato de ler, dali em diante tarefa ainda mais árdua.

Uma história frágil e fraca de como o leitor poderá significar, tanto no momento da formação docente como da atuação em sala de aula, um

modelo ou testemunho também frágil e fraco para transmitir, junto aos estudantes, os valores, as virtudes e as utilidades que podem advir da leitura da escrita. Lajolo lembra muito bem esta possibilidade ao dizer que, caso as relações do professor com os livros forem débeis, grandes serão as chances de que a sua atuação na esfera do ensino da leitura deixará muito a desejar. (SILVA, 2009, p. 25)

Assim como observa SILVA (2009), vemos o processo de formação do professor leitor como um obstáculo para a formação do aluno leitor. A formação do professor como mediador de leitura é uma parte importante para que se faça o letramento nas aulas de língua portuguesa. Para sanar os problemas na formação de mediadores de leitura se fazem necessárias medidas paliativas. Se o professor, mediador de leitura, tem lacunas em sua formação leitora e assim não consegue transmitir aos alunos o gosto pelo ato de ler, medidas como a formação continuada devem focalizar em preencher essas lacunas, para que os professores adquiram competências de leitura e determinada relação de afeto com os textos que está em contato. Assim, mesmo que tardiamente esse professor poderá se tornar um leitor maduro, e ter uma representatividade diferente para os seus alunos.

CAPÍTULO II

3 O TEXTO EM FOCO – A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DO TEXTO TRABALHADO

Tendo em vista as questões citadas no capítulo anterior a respeito da formação do aluno-leitor, dirigimos nossa pesquisa a fim de contemplar alguns problemas previamente observados. Um desses problemas é a questão do acesso ao texto pelos alunos. A questão do acesso ao texto pelos alunos leitores configura ponto de discussão importante na questão da formação leitora. Os alunos geralmente têm contato com as altas literaturas (Moisés, 1998), leituras consagradas do canone brasileiro e mundial, por intermédio da escola. Essas leituras comumente estão ausentes na realidade dos alunos, entretanto os alunos trazem consigo letramentos, específicos, adquiridos nos outros ambientes que compõe sua formação humana e leitora.

Trazer essas leituras que permeiam os ambientes extraescola e que compõem a formação leitora de um aluno é uma iniciativa válida, visto que, além de trazer o contexto do aluno para a sala de aula, pode funcionar como um gatilho que despertará o aluno a conhecer outros textos.

Outro problema que buscamos problematizar dentro da nossa pesquisa é a questão da relação de identificação do sujeito leitor com o texto. Entendemos que para que um texto venha a fazer sentido para um aluno, ele tem que fazer parte da realidade em que ele se encontra e estar alinhado de algum modo ao projeto de vida desse aluno. Cabendo ao professor o dever de alinhar essas leituras consagradas da literatura brasileira e mundial, mas sem deixar de utilizar literaturas menos aclamadas da crítica ou não literaturas para atrair o aluno para este universo da leitura. Sobre essa questão CECCANTINI, 2009, p 229 aponta:

[...] hoje, estará fadado ao fracasso o projeto que identificar a formação de leitores ao modelo tradicional do “ensino de literatura”, fundado num conjunto de obras fechado e generalizado para qualquer contexto, geralmente apresentado ao aluno por meio de fragmentos de um livro didático, aos quais o estudantes se dirige para atingir este ou aquele objetivo pragmático.

Como podemos observar Ceccantini corrobora a ideia de que se é preciso fazer um ensino de leitura contextualizado de acordo com a realidade do aluno. A fala do autor também aponta para uma questão problemática dentro das aulas que se dizem aulas de leitura ou de leitura em literatura. Essa questão é o uso do texto para razões que não seja a apreensão de sentidos, como por exemplo, recortes de

texto em livro sendo utilizados para o trabalho exclusivamente de questões gramaticais. Sobre esse tipo de intervenção do professor em relação aos textos trabalhados em sala de aula KLEIMAN, 2002, p 16 pontua:

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido.

Como podemos ver a partir de Kleiman a leitura sala de aula pode ser para os alunos somente uma atividade pedante, uma vez que o professor não trabalhar o texto a fim de levar primeiramente o aluno a construir sentidos a partir do texto. A partir desses sentidos extraídos do texto o professor pode trabalhar com questões gramaticais de maneira contextualizada considerando sempre o texto como um todo.

3.1 A escolha do gênero canção

A nossa pesquisa consistiu em fazermos uma oficina de leitura em uma turma da educação básica em uma escola da rede pública. A turma escolhida foi do ensino médio. Escolhemos fazer essa pesquisa nessa turma tendo em vista o tipo de competências acerca da leitura literária que se espera e deseja que os alunos já tenham desenvolvidos a essa altura da formação. Das várias competências leitoras almejadas para essa etapa de ensino, podem-se registrar algumas mencionadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC):

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. (BRASIL, 2018, p. 481)

Do aluno de ensino médio é esperado uma criticidade e um poder de argumentação mais elaborados do que para alunos do ensino fundamental. Trabalhamos com o gênero canção e com o gênero poema. O primeiro texto é um texto multissemiótico, pois tem em sua composição a parte escrita e a parte audível. O segundo texto compõe o cânone literário nacional e trata em seu conteúdo sobre uma temática a qual o primeiro também trata, podendo-se identificar intertextualidade entre os dois textos.

A escolha dos textos apresentados nessa oficina de leitura levou em conta se o conteúdo deles traria representações importantes para a construção de

significados para estes alunos. Procuramos trabalhar com textos que possivelmente estivessem presentes na realidade destes alunos. A fim de formar o aluno integralmente, fazendo dele jovem protagonista no seu meio social. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta que esse aluno deve ter de competência para ser esse jovem protagonista.

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitar as diversidades, a pluralidade de ideias e posições e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 481)

Os conhecimentos da área de linguagens, no nosso caso específico no trabalho com o componente curricular língua portuguesa, devem dar subsídios ao aluno para que ele possa ir além do conhecimento científico. Este aluno, além de aprender a construir sentidos, e conhecer as regras da língua a fim de responder provas, deve utilizar esse conhecimento, ao qual foi exposto, para se tornar um cidadão crítico, tolerante, e capaz de conviver em sociedade de modo pacífico, considerando a individualidade das pessoas que o cercam. Acima de ter um bom currículo deve-se estar apto a conviver em sociedade de forma respeitosa, com as muitas diversidades presentes em nosso país.

A escolha do gênero canção se deu por alguns motivos, como anteriormente citado. Uma canção é composta além de uma letra, por melodia, ritmo e harmonia. A junção destes elementos torna a canção um gênero de significação mais rico, podendo o aluno ser atraído por qualquer um desses elementos e consequentemente tendo contato com os outros. Ouvir música é algo que a maioria das pessoas fazem, mesmo que involuntariamente, como por exemplo, ao passar por algum show, ou festa. Além de estar presente nos mais diversos grupos, e em diferentes ambientes, o gênero canção vem sendo utilizado também de forma didática. Vejamos a seguir do que se trata o gênero canção:

Canção é uma forma musical de duração pouco extensa (em geral, por volta de três minutos) que associa, de forma inseparável, uma melodia e uma letra, podendo desenvolver-se – como o prova a tradição brasileira, de Noel Rosa e Ary Barroso a Chico Buarque e Caetano Veloso, com poucos paralelos possíveis em outros quadrantes do mundo – de modo a acolher bastante sofisticação, tanto poética quanto musical. Trata-se de uma forma que por seu formato breve e por suas características extremamente comunicativas, alcançou uma divulgação e penetração incomparáveis, tornando-a talvez o veículo estético mais eficaz de toda a história brasileira e um dos mais felizes de todo o século XX, ao lado do cinema. (FISCHER; SIMOES, 2009, p. 244)

Como vemos a partir de Fischer e Simões, a canção pode ser rica poética e musicalmente. A canção é também um tipo de arte muito popular. Os cantores que os autores citam, compõem um grupo já canônico da música brasileira, pois perduram até hoje, atingindo públicos de diferentes gerações e sendo já consagrados pela crítica.

Entretanto, com o passar do tempo, a música se tornou algo cada vez mais popular no Brasil e no mundo, abrindo espaço para o surgimento de diferentes artistas e diferentes estilos.

[...] os anos 1970, com tantas experimentações e tantas realizações superiores em toda parte do país, ao norte e ao sul, para nem falar de Minas com os compositores do Clube da Esquina; nos anos 1980, toda uma nova geração, que vai misturar mais proficientemente do que nunca o rock com ritmos e problemas locais; e assim por diante, até alcançar esta modalidade de composição que não distingue muito bem entre a poesia e a canção que é o rap. (FISCHER; SIMOES, 2009, p. 253)

É dentro deste contexto que surge o estilo de canção, que selecionamos para trabalhar na oficina de leitura, o rap. A canção trabalhada pertence a um grupo de música contemporâneo, que é a banda *O Rappa*, que possui composições voltadas para muitas questões relacionadas à sociedade brasileira, misturando os estilos musicais rock-reggae e rock-rap. O grupo é bastante conhecido em meio ao público jovem, por retratar a realidade de muitos jovens no Brasil, falando de assuntos importantes como o racismo, a criminalidade e a liberdade de expressão. Em razão disto pudemos inferir que alguns alunos já tenham tido contato com músicas do grupo.

Tendo em vista todas estas questões, o texto escolhido foi a canção da Banda *O Rappa*, “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. Dada a própria referência da canção de *O Rappa*, trabalhamos também a leitura de “Navio negreiro”, de Castro Alves. É importante referenciar que esse poema faz parte de uma possível lista de poemas canonizados da literatura brasileira, compondo o cronograma de textos literários a serem lidos e estudados nas escolas do Brasil nos níveis do ensino médio e superior.

3.2 Do navio negreiro ao camburão

A canção de *O Rappa* tem como ponto central questões voltadas para o preconceito racial, em razão disso preferimos trabalhá-la em um contexto de uma

escola pública e de periferia. A unidade escolar em que fizemos a oficina, O Colégio Rui Barbosa, tem um ensino de qualidade, pudemos evienciar isto em nossa convivência na escola através do projeto Residência Pedagógica. Sendo localizada em um bairro periférico da cidade de Araguaína, Tocantins.

A marginalização do negro e de outros grupos dentro da sociedade brasileira é uma realidade pouco comum para jovens de classe média e alta. Em razão de questões históricas, podemos perceber que no Brasil os brancos ainda ocupam maior parte das posições de prestígio, e que ainda há muitas segregações raciais em meio a nossa sociedade. Dentro da escola é comum percebermos uma diversidade racial muito grande, e em razão disso percebemos na escola, calcada em documentos oficiais um movimento de combate ao preconceito racial. Esse movimento em combate a segregação racial, que faz com que brancos e negros dentro da escola percebam o preconceito racial.

Tendo em vista tais questões, escolhemos os textos pensando que a questão do preconceito racial pode aparecer na realidade daqueles alunos, uma vez que no nosso país ainda há uma intolerância muito grande em relação às diferenças, o preconceito racial pode ocorrer em diferentes lugares e em camadas sociais diferentes. O primeiro texto que analisamos na oficina de leitura foi o de Castro Alves, “Navio negreiro”. O primeiro texto trabalhado foi o texto de Castro Alves, este, que marca a questão da escravidão, é reconstruído a partir da canção da banda O Rapa, segundo texto trabalhado. Vemos na relação desses dois textos que o preconceito subsiste ao tempo, mas continua sendo problematizado. O texto da banda O Rapa reafirma o texto de Castro Alves.

O poema de Castro Alves é uma crítica à escravidão, denunciando a situação desumana em que os negros eram transportados da África para trabalharem como escravos em países da América e da Europa. Isso pode ser notado pelo modo como o poema retrata, em imagens, o modo como os negros eram transportados nesses navios.

Negras mulheres, suspendendo às tetas/Magras crianças, cujas bocas
pretas/Rega o sangue das mães:/Outras moças, mas nuas e
espantadas,/No turbilhão de espectros arrastadas,/Em ânsia e mágoa
vãs!/E ri-se a orquestra irônica, estridente.../E da ronda fantástica a
serpente/Faz doudas espirais.../Se o velho arqueja, se no chão
resvala,/Ouvem-se gritos... o chicote estala./E voam mais e mais.../Preso
nos elos de uma só cadeia,/A multidão faminta cambaleia,/E chora e dança
ali! M/Um de raiva delira, outro enlouquece,/Outro, que martírios
embrutece,/Canando, geme e ri! (ALVES, 1868, p. 03)

Podemos ver, na escrita poética do autor, a ilustração da aflição que aqueles negros sofriam, não sendo poupadas nem mesmo as mulheres e as crianças. O tráfico de escravos representado no poema de Castro Alves é algo que vai muito além do racismo que conhecemos hoje, sendo mais cruel, um ato violento e inumano. Entretanto, como comentamos anteriormente preconceito racial subsiste na contemporaneidade, e vemos isto na canção da banda O Rapa. A canção da banda O Rapa traz referências explícitas ao poema Como por exemplo a comparação entre camburão e navio negreiro, vemos isto na relação entre os capitães do mato e os policiais e também na relação entre camburão e navio negreiro, perceptível já no título da canção. A música da banda *O Rappa* apresenta o preconceito racial atualizado, entretanto, ressalta que alguns problemas em relação ao racismo não mudaram, são problemas que adquirem novos atores, mas, continuam existindo. Como se pode ver em:

Tudo começou quando a gente conversava/Naquela esquina ali/De frente àquela praça/Veio os homens/E nos pararam/Documento por favor/Então a gente apresentou/Mas eles não paravam/Qual é negão? qual é negão?/O que que tá pegando?/Qual é negão? qual é negão?/É mole de ver/Que em qualquer dura/O tempo passa mais lento pro negão/Quem segurava com força a chibata/Agora usa farda/Engatilha a macaca/Escolhe sempre o primeiro/Negro pra passar na revista/Pra passar na revista (O RAPPA, 1994, n.p)

Os casos de racismo enfrentados por jovens negros nos diferentes lugares do Brasil ainda aparecem como problema gritante a ser resolvido. A canção fala de jovens negros que estavam conversando em uma esquina de uma praça e foram abordados por policiais, que mesmo após receberem os documentos dos jovens, insistem em supor que os jovens estão fazendo algo de errado. A canção, composta por Marceko Yuka, é uma expressão artística que traz em si questões presentes na realidade brasileira e mundial.

O racismo não é uma história do passado, em estádios de futebol, cinema, parques, *shoppings*, constantemente as pessoas são estigmatizadas pela cor de sua pele, seja de maneira mais enérgica, por meio de ofensas verbais graves ou até mesmo agressões físicas, passando por um estágio em que o racismo se coloca mais disfarçado, “atenuando” por comentários e olhares “silenciosos”. Marcelo Yuka toca, de certo modo, na ferida social, apresentando uma cena em que o preconceito aflora. O negro, por ser negro, pertence a certos lugares, ocupa certas funções dentro da sociedade. É, antes de tudo, pré-avaliado:

É mole de ver/Que em qualquer dura/O tempo passa mais lento pro
negão/Quem segurava com força a chibata/Agora usa farda/Engatilha a
macaca/Escolhe sempre o primeiro/Negro pra passar na revista/Pra passar
na revista/Todo camburão tem um pouco de navio negreiro/Todo camburão
tem um pouco de navio negreiro (O RAPPÁ, 1994, n.p)

Como podemos ver em neste trecho da canção a desigualdade e o preconceito racial além de marcarem a nossa história, resistiram ao passar dos anos. O racismo muda de forma e adquire protagonistas diferentes, mas tem se perpetuado dentro da nossa sociedade no decorrer dos anos. O negro que outrora fora escravizado, até hoje luta para se incluir dentro da sociedade, para ser respeitado e reconhecido.

CAPÍTULO III

4 ANÁLISE – COMO OS ALUNOS RECEBERAM OS TEXTOS

Neste capítulo faremos uma análise sobre as leituras que os alunos fizeram de “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, de *O Rappa*, em comparação com “Navio Nегreiro”, de Castro Alves. Por conseguinte, descreveremos aqui como se deram as aulas da oficina de leitura, listando o que os alunos responderam às perguntas que fizemos sobre os textos lidos e, em seguida, analisando as respostas dos alunos.

4.1 A oficina de leitura

A oficina de leitura ocorreu em quatro aulas de cinquenta minutos, nelas fizemos a exposição dos textos. Trabalhamos o texto do gênero canção intitulado “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. Para expor este texto aos alunos perguntamos primeiro se eles conheciam a banda *O Rappa*, e a maioria disse já conhecer, entretanto nenhum dos alunos conhecia ainda a canção que trabalharíamos.

Entregamos as folhas com a letra da canção para os alunos e, em seguida, colocamos a música para tocar em uma caixa de som pequena que levamos para a aula nesse dia. Nós reproduzimos a música para os alunos a fim de motivar os alunos ao conhecimento dos textos. Logo após fizemos a leitura do poema Navio Nегreiro e da canção “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”.

Tivemos a preocupação de apresentar o texto de Castro Alves para os alunos, pois ele é citado dentro da canção da banda *O Rappa*. A canção faz referência ao poema, como nas comparações do navio negreiro com o camburão e dos capitães do mato com os policiais, em razão disto é importante o conhecimento de um para o entendimento de outro.

Para formar um leitor crítico e sensível, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, de construir significados e transformá-los em palavras, exige-se do mediador de leitura uma intervenção adequada, contínua e explícita, que precisa ocorrer de forma consciente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura. (LUFT, 2012, p. 163).

Deste modo buscamos situar os alunos dentro dos textos, a fim de que eles pudessem fazer inferências e construíssem significados autônomos, situando as

leituras e o conhecimento do texto ao conhecimento que já traziam consigo, também como ao empirismo das vivências desses alunos em sociedade.

4.2 As leituras dos alunos

Buscamos compreender que a leitura que os alunos fizeram dos textos lidos, deste modo, nas duas últimas aulas da oficina de leitura, fizemos perguntas discursivas para entender como eles relacionavam os textos, o quanto eles achavam que estes textos tinham pertinência e, também, que tipo de emoções estes textos tinham lhes suscitado. Dirigimos duas perguntas de modo oral para os alunos. A primeira foi como eles relacionavam, nos dois textos, as seguintes representatividades, “os capitães do mato” em “Navio Negreiro” e “os policiais” em “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. A segunda: o espaço do negro dentro da sociedade brasileira no final dos anos 1870 e o negro do Brasil contemporâneo.

Diante destas perguntas o aluno André respondeu: RD1 “Hoje em dia os negros são comparados como antes. Para muitas pessoas eles não têm a mesma capacidade de viver com os brancos, eles são tratados ainda com muito preconceito”. (Anotações de diário de campo produzidas em 22/04/2019).

A partir do comentário do aluno podemos evidenciar que ele compreende que o mundo ainda possui muita desigualdade. Quando diz que para muitas pessoas os negros não tem a mesma capacidade que o branco o aluno está pontuando o preconceito que está presente dentro da sociedade. Entretanto, percebemos que André não concorda com essa visão preconceituosa, percebemos isto quando ele generaliza falando que muitas pessoas consideram os negros inferiores, colocando-se fora deste grupo. Isto pode significar também uma mudança de mente dessa nova geração sobre o preconceito racial. Em seguida a aluna Debora respondeu:

RD2

Se relacionam em termos de atitudes, pois o preconceito que existia antes ainda existe hoje. O espaço dos negros tem crescido desde os anos 1870, tem se abrido um novo leque de aceitação e oportunidades, porém o racismo e o preconceito ainda não deixaram de acontecer, e ainda é preciso evoluir muito. (Anotações de diário de campo produzidas em 22/04/2019).

Por meio da resposta de Debora, podemos observar que ela consegue enxergar mudanças que ocorreram e que vem ocorrendo em relação à

discriminação racial. O negro ocupa dentro da nossa sociedade posições que antes não poderia ocupar, e tem mais respeito dentro das sociedades. Entretanto, assim como a aluna falou, ainda há muito para se conquistar.

O racismo está presente dentro da nossa sociedade, sendo de suma importância que nossos jovens tenham esse conhecimento, pois é preciso falar de racismo. Isto para que mais pessoas se conscientizem da existência dele, e sensibilizem para seu combate.

Sobre a primeira pergunta a aluna Vitória fez o seguinte comentário: RD3 “Nós, negros, quase não temos espaço na sociedade, ainda vivemos num mundo cheio de preconceitos e falta de respeito”. (Anotações de diário de campo produzidas em 22/04/2019).

De acordo com a fala da aluna podemos evidenciar não somente o entendimento da existência do preconceito, como, também, que ela se identifica como jovem negra, e que já viu o preconceito racial acontecer, não só do viés de espectadora. Por ser vítima do preconceito racial, tê-lo experimentado na pele traz maior consciência sobre o quanto é real o racismo.

Ora, o racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira, pois cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo binarismo identitários, ou seja, uma identidade do que é “ser negro” contraposta ao que é “ser branco”, baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos. (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 106)

Os estereótipos apontados por Fernandes e Souza estão presentes, por exemplo, na abordagem policial feita a homens negros e brancos. Um homem branco pode ser naturalmente entendido como um homem de bem, da classe média ou alta brasileira; e um homem negro entendido como um que comete delitos e que representa uma ameaça para o primeiro. Estes julgamentos podem ser feitos sem nenhum outro dado, a não ser a cor da pele.

A fim de compreendermos as leituras que os alunos fizeram da canção de O Rappa em conjunção com o poema de Castro Alves, fizemos a segunda pergunta aos alunos. A pergunta feita foi: “Para você, a crítica levantada pela música da banda O Rappa ainda tem pertinência nos dias atuais?”

Perante esta pergunta, o primeiro aluno, a se manifestar foi Rafael, dizendo: RD4 “Sim, porque representa a realidade dos negros hoje em dia, como serem julgados até por um olhar nos lugares que frequentam”. (Anotações de diário de campo produzidas em 22/04/2019).

A fala dele condiz com uma realidade muito presente na nossa sociedade, que é o racismo mascarado. Por ser crime, algo julgado como errado pelo senso-comum na sociedade, muitas pessoas que são racistas deixam este sentimento nas entrelinhas, nos subentendidos. Usam o pretexto de que é humor, ou que estão apenas utilizando a sua liberdade de expressão. Em razão disso algumas pessoas falam que o racismo no Brasil não existe mais.

Sobre a segunda pergunta, ainda, a aluna Juliana também comentou: RD5 “Convivemos com isso todos os dias, as pessoas ainda têm diferenças e suas ações não facilitam a convivência, permanecendo a cultura do preconceito”. (Anotações de diário de campo produzidas em 22/04/2019). Ela fala semelhante aos outros colegas, que já haviam pontuado que as diferenças raciais permanecem. No entanto ela comenta também de uma cultura do preconceito. Ainda que de modo generalizado, é bom lembrar que cultura está ligada a um conjunto de hábitos que estão arraigados aos costumes de um povo. O que a aluna pontua é muito sério, pois realmente existe uma cultura do preconceito no nosso país, o que é mais difícil de ser combatido. O preconceito no Brasil não faz parte de uma cena isolada. Entretanto, já vimos no decorrer da História do Brasil que culturas podem ser sobrepostas, abafadas, então, precisamos trabalhar para que a cultura do preconceito seja sobreposta pela cultura da tolerância, da valorização do pluralismo.

O último comentário, que fizemos nota, foi o da aluna Sandra que disse: RD6 “hoje tem muito preconceito com os negros. Professor, os brancos têm inveja porque os negros são lindos”. (Anotações de diário de campo produzidas em 22/04/2019). O comentário dela foi feito em um tom bem humorado e foi recebido desse modo pela turma, que sorriu durante alguns segundos. No comentário da aluna, vemos uma mudança de pensamento. O negro sempre teve uma necessidade muito grande de adotar a cultura do branco para ser melhor aceito na sociedade e para se aceitar melhor também, pois os estigmas que lhe eram dados, eram recebidos de um modo a ficarem nas entranhas do seu pensamento. Vemos hoje uma mudança desses paradigmas, principalmente por parte dos jovens negros, que começaram a aceitar melhor suas características e se orgulhar disso. Há alguns anos era muito comum que mulheres de cabelo crespo alisassem o cabelo, para parecer com o cabelo das mulheres brancas, ultimamente isso tem mudado drasticamente, as mulheres negras vêm aceitando melhor suas características de mulher negra, estabelecendo novos padrões de beleza, que admitem a pluralidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho com os dois textos pudemos refletir sobre as práticas de letramentos em sala de aula. Um processo importante para nós professores, que trabalhamos com a formação de pessoas, principalmente na área de linguagem, precisamos nos preocupar se os nossos alunos leem, o que leem e de que modo leem.

Entretanto fazer essa reflexão não é suficiente. Na maior parte das vezes, as leituras, que compõe o processo de formação dos alunos contemporâneos, são leituras de textos não canônicos, em colunas de revistas, redes sociais, entre outros tipos de textos midiáticos. Os textos que os alunos leem não são textos que compõe o cânone do cronograma escolar.

Os textos que os alunos leem têm significados para o seu contexto de vida pessoal e criticá-los pode não ser o melhor caminho para fazer com que esses alunos leiam outros textos. É importante que haja um movimento do professor em direção ao aluno, para que o professor como mediador da formação leitora dos seus alunos, compreenda que textos os seus alunos estão lendo e qual a relevância desses textos para a vida dos alunos, e também como relacionar esses textos a outros, expandindo a formação leitora, tornando seu aluno um leitor mais maduro, um leitor letrado.

A partir da oficina de leitura pudemos observar que textos de gêneros multimodais, como é o caso do gênero canção, potencializam a capacidade de compreensão dos alunos. No caso de textos do gênero canção, os significados construídos a partir de diferentes modalidades, como letra e arranjo fazem com que os alunos se prendam ao texto. Pudemos perceber isto dentro da oficina de leitura em que aplicamos, tendo em vista que os alunos se envolveram nas aulas e participaram.

O trabalho com o gênero canção foi interessante também do ponto de vista cultural. A canção trabalhada discute o preconceito racial e a partir dela pudemos notar nos alunos criticidade sobre o assunto, compreendendo através do texto que o racismo existe, e que marca a sociedade contemporânea assim como marcou com a escravidão os nossos antepassados.

Então, percebemos através dessa oficina uma desenvoltura crítica dos alunos. Os alunos mostraram interesse e envolvimento com os textos que tiveram na

oficina de leitura. Isto nos mostra que as tentativas de trazer para a sala de aula os textos que os alunos têm contato fora de sala são tentativas pertinentes na construção de caminhos para a formação leitora dos alunos. E por consequência contribuir para uma formação cidadã. Sendo que reconhecer o negro dentro da sociedade é olhar para o outro, trabalhar um sentimento de alteridade entre os alunos, a fim de construir gradativamente uma sociedade cada vez mais respeitosa e agregadora.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Cultura letrada literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

ALVES, C. **Espumas flutuantes**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: _____ **Mediação de Leitura discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: global, 2009. P. 207-231.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 63 • abr. 2016 (p. 103-120).

FISCHER, Luís Augusto; SIMÕES, Julia da Rosa. A música e o desenvolvimento do prazer de ler. In: _____ **Mediação de Leitura discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: global, 2009. p. 233-258.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002. Trad. Brigitte Hervot.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. Campinas, SP: Pontes 2002.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. Práticas Leitoras Multimídiais e Formação de Leitores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico In: NEVES, I. C. B.; MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. (Org). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. p. 159-166.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de; SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade/*Multiliteracies Practices at School: for a Responsive Education to Contemporaneity*. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 184-205, Ago./Dez. 2014.

O RAPPÁ. **Todo camburão tem um pouco de navio negreiro**. Rio de Janeiro: Sony, p1994. 1 disco sonoro.

SILVA, E. T. D. Formação de Leitores Literários. In: _____ **Mediação de Leitura discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: global, 2009. p. 23-36.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 2009.